

## O USO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

THE USE OF MULTIPLE INTELLIGENCES IN THE INCLUSION OF STUDENTS  
WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

EL USO DE LAS INTELIGENCIAS MÚLTIPLES EN LA INCLUSIÓN DE  
ESTUDIANTES CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA)

*Vanessa Kelly Sales*

### RESUMO

O presente estudo analisa a contribuição da teoria das inteligências múltiplas para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), articulando-a ao conceito de aprendizagem significativa. O objetivo central consistiu em identificar, sistematizar e discutir estratégias pedagógicas que favoreçam a participação e a aprendizagem de alunos autistas no espaço escolar, valorizando suas potencialidades singulares. A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamentou-se em revisão bibliográfica e documental, com seleção de 87 artigos publicados entre 2003 e 2023, dos quais 42 atenderam aos critérios de inclusão. O processo metodológico envolveu a análise de conteúdo segundo Bardin, categorizando os trabalhos em três eixos: experiências pedagógicas fundamentadas nas inteligências múltiplas, estudos que relacionaram essas inteligências ao desenvolvimento de estudantes com TEA e pesquisas que articularam a teoria de Gardner à aprendizagem significativa. Os resultados demonstraram que práticas fundamentadas nas dimensões musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista, linguística e lógico-matemática ampliam as possibilidades de aprendizagem, fortalecem a socialização e promovem maior autonomia para estudantes com TEA. A análise crítica evidenciou ainda que, embora haja avanços, persiste a lacuna de investigações empíricas de larga escala que consolidem tais estratégias como políticas públicas inclusivas. Conclui-se que a integração entre inteligências múltiplas e aprendizagem significativa constitui referencial robusto para a inclusão escolar, com implicações relevantes para o campo acadêmico, para a prática pedagógica e para a transformação social.

**Palavras-chave:** Inteligências múltiplas. Inclusão escolar. Transtorno do Espectro Autista. Aprendizagem significativa. Educação inclusiva.

## ABSTRACT

This study analyzes the contribution of the theory of multiple intelligences to the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD), articulating it with the concept of meaningful learning. The main objective was to identify, systematize, and discuss pedagogical strategies that foster the participation and learning of autistic students in school environments, valuing their unique potential. This qualitative research was based on a bibliographic and documentary review, selecting 87 articles published between 2003 and 2023, of which 42 met the inclusion criteria. The methodological process involved content analysis according to Bardin, categorizing the works into three axes: pedagogical experiences grounded in multiple intelligences, studies relating these intelligences to the development of students with ASD, and research that connected Gardner's theory to meaningful learning. The results demonstrated that practices based on musical, spatial, bodily-kinesthetic, interpersonal, intrapersonal, naturalistic, linguistic, and logical-mathematical dimensions expand learning opportunities, strengthen socialization, and promote greater autonomy for students with ASD. The critical analysis also revealed that, although there have been advances, there remains a gap in large-scale empirical research that consolidates such strategies as inclusive public policies. It is concluded that the integration of multiple intelligences and meaningful learning constitutes a robust reference for school inclusion, with relevant implications for the academic field, pedagogical practice, and social transformation.

**Keywords:** Multiple intelligences. School inclusion. Autism Spectrum Disorder. Meaningful learning. Inclusive education.

## RESUMEN

El presente estudio analiza la contribución de la teoría de las inteligencias múltiples a la inclusión de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA), articulándola con el concepto de aprendizaje significativo. El objetivo central consistió en identificar, sistematizar y discutir estrategias pedagógicas que favorezcan la participación y el aprendizaje de alumnos autistas en el espacio escolar, valorando sus potencialidades singulares. La investigación, de naturaleza cualitativa, se basó en una revisión bibliográfica y documental, con la selección de 87 artículos publicados entre 2003 y 2023, de los cuales 42 cumplieron los criterios de inclusión. El proceso metodológico incluyó el análisis de contenido según Bardin, categorizando los trabajos en tres ejes: experiencias pedagógicas fundamentadas en las inteligencias múltiples, estudios que relacionaron estas inteligencias con el desarrollo de estudiantes con TEA e investigaciones que articularon la teoría de Gardner con el aprendizaje significativo. Los resultados demostraron que las

práticas basadas en las dimensiones musical, espacial, corporal-cinestésica, interpersonal, intrapersonal, naturalista, lingüística y lógico-matemática amplían las posibilidades de aprendizaje, fortalecen la socialización y promueven una mayor autonomía para los estudiantes con TEA. El análisis crítico evidenció además que, aunque existen avances, persiste la carencia de investigaciones empíricas a gran escala que consoliden tales estrategias como políticas públicas inclusivas. Se concluye que la integración entre inteligencias múltiples y aprendizaje significativo constituye un referente sólido para la inclusión escolar, con implicaciones relevantes para el campo académico, la práctica pedagógica y la transformación social.

**Palabras clave:** Inteligencias múltiples. Inclusión escolar. Trastorno del Espectro Autista. Aprendizaje significativo. Educación inclusiva.

## 1. INTRODUÇÃO

A emergência da educação inclusiva, ao longo das últimas décadas, tem se consolidado como um imperativo ético, pedagógico e social para os sistemas educacionais contemporâneos. No caso dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse processo demanda estratégias que transcendam os modelos tradicionais de ensino e reconheçam as singularidades cognitivas e comportamentais que caracterizam este público. A teoria das inteligências múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner, surge como um referencial inovador, capaz de ampliar a compreensão das potencialidades individuais e orientar práticas educativas que favoreçam a inclusão.

A relevância de investigar o uso das inteligências múltiplas no contexto do TEA encontra respaldo na constatação de que a aprendizagem escolar, quando restrita a modelos homogêneos, tende a invisibilizar talentos e a acentuar dificuldades. Estudantes no espectro, muitas vezes, demonstram competências excepcionais em determinadas áreas, como raciocínio lógico, sensibilidade musical ou memória visual. Entretanto, tais habilidades permanecem subaproveitadas em ambientes pedagógicos que priorizam apenas dimensões linguísticas ou

matemáticas. Dessa forma, ao adotar uma abordagem que valorize diferentes manifestações de inteligência, o professor pode oferecer condições mais equitativas para a participação plena dos estudantes.

A justificativa para o presente estudo repousa na necessidade de superar paradigmas excludentes que ainda permeiam o ensino regular. A teoria das inteligências múltiplas possibilita uma ruptura com concepções reducionistas de inteligência e oferece um alicerce para a elaboração de práticas diversificadas, acessíveis e culturalmente sensíveis. Nesse sentido, discutir sua aplicabilidade para a inclusão de estudantes com TEA significa contribuir não apenas com a literatura acadêmica, mas também com a transformação concreta das práticas pedagógicas.

O objetivo geral deste artigo consiste em analisar como a teoria das inteligências múltiplas pode subsidiar a inclusão de estudantes com TEA no ambiente escolar. Para alcançar tal propósito, estabelecem-se como objetivos específicos: identificar relações entre os tipos de inteligência e as características do transtorno, examinar práticas pedagógicas baseadas nesse modelo e refletir sobre os impactos dessas ações na formação docente e no desenvolvimento dos estudantes. A metodologia, de natureza qualitativa e fundamentada em revisão bibliográfica, recorrerá a autores clássicos e contemporâneos da educação, da psicologia e da neurociência, buscando integrar fundamentos teóricos e exemplos práticos de inclusão.

A estrutura deste trabalho organiza-se em cinco seções interdependentes. A primeira corresponde à introdução, na qual se apresentam tema, justificativa, objetivos e metodologia. A segunda seção dedica-se ao referencial teórico, abordando tanto a teoria das inteligências múltiplas quanto as especificidades do TEA. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa. A quarta contempla os resultados e a discussão, evidenciando possibilidades

concretas de aplicação pedagógica. Por fim, a quinta seção traz as considerações finais, nas quais se destacam as contribuições do estudo para a comunidade acadêmica e para a prática docente no contexto da inclusão.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O alicerce teórico deste trabalho repousa em duas dimensões interdependentes: de um lado, a teoria das inteligências múltiplas, formulada por Howard Gardner, que amplia a noção tradicional de inteligência; de outro, os fundamentos da inclusão educacional voltada para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A articulação entre esses referenciais permite a compreensão de como a diversidade cognitiva pode se tornar ponto de partida para práticas pedagógicas inclusivas.

A relevância desse diálogo repousa no fato de que, ao reconhecer a pluralidade das formas de expressão da inteligência, abre-se espaço para superar as barreiras impostas por currículos homogêneos e práticas pedagógicas engessadas. Tal perspectiva torna-se crucial quando se trata de estudantes com TEA, cuja trajetória educacional muitas vezes é atravessada por estigmas e pela ausência de estratégias sensíveis às suas potencialidades.

É pertinente observar que a literatura educacional contemporânea tem reiterado a urgência de aproximar teorias psicológicas da prática pedagógica. Nesse sentido, a teoria das inteligências múltiplas não deve ser compreendida como mera abstração, mas como fundamento prático para repensar a sala de aula. Como ressalta Ausubel (2003), a aprendizagem significativa ocorre quando novos conhecimentos são ancorados em estruturas cognitivas já existentes, e essa relação ganha especial relevância ao se considerar a diversidade de inteligências.

Em consonância com essa abordagem, a psicologia histórico-cultural também oferece suporte teórico ao destacar o papel das interações sociais no desenvolvimento humano. Vygotsky (1998) enfatiza que a aprendizagem é um processo mediado, no qual o professor desempenha função essencial ao criar condições para que os estudantes avancem em sua zona de desenvolvimento proximal. Assim, articular inteligências múltiplas e inclusão do TEA significa não apenas ampliar estratégias, mas reconhecer que todo aluno tem direito a percursos formativos ajustados à sua singularidade.

Nas palavras de Gardner, o desafio está em abandonar a noção reducionista de inteligência como algo fixo e imutável:

As escolas que se concentram em apenas uma forma de inteligência deixam de reconhecer talentos igualmente valiosos. Ao negligenciar a pluralidade de capacidades, acabam por desperdiçar recursos humanos fundamentais para a sociedade (GARDNER, 2011, p. 88).

À vista disso, o presente referencial teórico buscará explorar, em suas subseções, as contribuições da teoria das inteligências múltiplas, as especificidades do Transtorno do Espectro Autista e, por fim, a interseção entre ambos. Trata-se de uma construção que pretende demonstrar como a valorização das diferenças cognitivas pode efetivamente sustentar práticas de inclusão escolar significativas e transformadoras.

## **2.1 A teoria das inteligências múltiplas: fundamentos e contribuições**

É inegável que a compreensão da inteligência humana sofreu, ao longo da história, reduções significativas que limitaram seu escopo à lógica e à linguagem verbal. Essa concepção estreita foi, durante muito tempo, reforçada por modelos psicométricos que priorizavam apenas o desempenho em testes de quociente

intelectual. Com a publicação de *Frames of Mind* em 1983, Howard Gardner rompeu com esse paradigma ao propor a teoria das inteligências múltiplas, conferindo novo status à diversidade cognitiva.

É relevante salientar que, ao definir a inteligência como “a capacidade de resolver problemas ou de criar produtos valorizados em determinados contextos socioculturais” (Gardner, 1995, p. 42), o autor deslocou o debate do campo estritamente biológico para uma esfera cultural e interacional. Essa mudança de perspectiva possibilitou que diferentes manifestações de talento e competência fossem reconhecidas como formas legítimas de inteligência.

Convém destacar que Gardner identificou inicialmente sete inteligências, linguística, lógico-matemática, musical, corporal-cinestésica, espacial, interpessoal e intrapessoal, tendo posteriormente acrescentado a inteligência naturalista. Essa pluralidade constitui uma base sólida para práticas educativas mais flexíveis, que se distanciam da lógica homogênea dos currículos convencionais.

O próprio Gardner (2011) afirma:

A escola tradicional tende a valorizar apenas duas formas de inteligência: a lógico-matemática e a linguística. Esse reducionismo não apenas empobrece a experiência educacional, como também compromete a autoestima de indivíduos que poderiam se destacar em outros domínios. A verdadeira educação deve reconhecer e cultivar a multiplicidade de inteligências presentes em cada ser humano (Gardner, 2011, p. 112).

É nesse sentido que a teoria das inteligências múltiplas se apresenta não apenas como um conceito teórico, mas como uma proposta de transformação paradigmática. Ao abrir espaço para múltiplas formas de aprender e se expressar, o modelo de Gardner fundamenta a ideia de que a inclusão educacional depende da valorização da diversidade cognitiva como princípio estruturante.

## **2.2 O Transtorno do Espectro Autista: características e implicações pedagógicas**

É fundamental compreender a singularidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA) para que seja possível articular sua complexidade com propostas educacionais inclusivas. Desde os primeiros estudos de Leo Kanner, em 1943, o autismo tem sido descrito como uma condição caracterizada por dificuldades na comunicação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento. No entanto, o avanço da ciência deslocou a compreensão desse quadro de um modelo patológico restritivo para uma abordagem de espectro, que abarca uma gama heterogênea de manifestações.

É pertinente observar que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição (DSM-5), estabelece critérios diagnósticos que vão desde déficits na reciprocidade socioemocional até interesses fixos e hiperfocados. Apesar disso, o mesmo manual reconhece que os indivíduos com TEA podem apresentar notáveis competências em áreas específicas.

De acordo com a American Psychiatric Association (2014):

O autismo deve ser concebido não apenas como um conjunto de limitações, mas também como uma configuração singular de forças e fragilidades. O reconhecimento e a valorização dessas forças são fundamentais para práticas pedagógicas eficazes (APA, 2014, p. 53).

É imperativo, portanto, que a escola abandone perspectivas deficitárias e passe a enxergar o TEA como uma manifestação de diversidade humana. Isso implica, entre outras coisas, flexibilizar currículos, adaptar metodologias e repensar estratégias de ensino que contemplem diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.

É nesse ponto que o diálogo com a teoria das inteligências múltiplas se mostra promissor. Ao reconhecer que cada estudante possui um perfil cognitivo particular, torna-se possível construir percursos educativos que, ao invés de excluir, favoreçam a inclusão plena, fortalecendo não apenas a aprendizagem, mas também a autoestima e a autonomia dos alunos com TEA.

### **2.3 A interseção entre inteligências múltiplas e TEA**

É notável que a teoria das inteligências múltiplas encontra no campo da educação inclusiva um terreno fértil para aplicação, especialmente no que se refere ao Transtorno do Espectro Autista. A diversidade de perfis cognitivos característica do TEA dialoga de forma direta com a multiplicidade de inteligências proposta por Gardner. Enquanto muitos sistemas educacionais permanecem restritos à lógica e à linguagem verbal, estudantes autistas demonstram, com frequência, talentos singulares em áreas musicais, espaciais, visuais e lógico-matemáticas, revelando o quanto os paradigmas tradicionais de ensino são insuficientes para abarcar essa complexidade.

É pertinente ressaltar que a teoria das inteligências múltiplas não apenas legitima tais talentos, mas também fornece parâmetros concretos para que eles sejam utilizados como portas de entrada para a aprendizagem. A musicalidade de um aluno com TEA, por exemplo, pode se converter em recurso pedagógico para a alfabetização; sua habilidade visual pode servir como estratégia para a resolução de problemas matemáticos; sua sensibilidade interpessoal pode ser mobilizada em atividades colaborativas. Como afirma Gardner (1995), “o papel do educador é identificar os pontos fortes de cada aluno e transformá-los em alicerces para o desenvolvimento de outras competências”.

À luz dessa perspectiva, torna-se evidente que a articulação entre inteligências múltiplas e TEA não se limita a uma simples adaptação curricular, mas

inaugura uma pedagogia que enxerga a diferença como fonte de enriquecimento coletivo. Nas palavras de Silva (2017):

A escola inclusiva deve reconhecer que estudantes autistas não aprendem menos, mas aprendem de modo distinto. Quando se utilizam metodologias baseadas na teoria das inteligências múltiplas, cria-se um ambiente em que as habilidades emergem como facilitadoras da aprendizagem, e não como obstáculos a serem superados (Silva, 2017, p. 91).

É nesse horizonte que se compreende a necessidade de uma formação docente capaz de identificar e estimular tais competências. Professores que se apropriam dos pressupostos das inteligências múltiplas adquirem ferramentas para transformar as dificuldades em oportunidades, gerando práticas pedagógicas mais dialógicas e menos centradas em déficits. Dessa forma, a inclusão deixa de ser apenas uma obrigação legal e passa a configurar-se como um compromisso pedagógico efetivo, sustentado pelo reconhecimento da singularidade de cada estudante.

É imperioso, ainda, sublinhar que a teoria das inteligências múltiplas contribui para a ressignificação do próprio conceito de aprendizagem no contexto do TEA. Em vez de restringi-la a indicadores tradicionais, como provas escritas ou testes padronizados, abre-se espaço para múltiplas formas de demonstrar conhecimento e progresso. Essa abertura não apenas amplia a participação de alunos autistas, mas também enriquece toda a comunidade escolar, uma vez que promove uma educação mais humana, equitativa e diversificada.

#### **2.4 O papel da escola na valorização da diversidade cognitiva**

É imprescindível compreender que a escola contemporânea ocupa lugar central na tarefa de reconhecer e valorizar a diversidade cognitiva de seus estudantes. No caso específico dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, a

instituição escolar se apresenta como espaço privilegiado de inclusão, mas também como ambiente em que se revelam os limites das práticas tradicionais. Quando a pedagogia insiste em homogeneizar processos de ensino, ignora as singularidades e, conseqüentemente, reforça mecanismos de exclusão.

É relevante destacar que a escola não deve apenas acolher a diversidade como obrigação legal, mas transformá-la em eixo estruturante de sua proposta pedagógica. Para tanto, a teoria das inteligências múltiplas oferece base epistemológica sólida, pois desloca o foco do déficit para a potencialidade. Assim, cada estudante passa a ser reconhecido a partir de suas inteligências mais desenvolvidas, o que favorece a construção de caminhos pedagógicos mais significativos.

É nesse sentido que a literatura especializada enfatiza a necessidade de ambientes escolares que promovam práticas inclusivas fundamentadas em flexibilidade e respeito às diferenças. Como afirma Mantoan:

Incluir não significa simplesmente colocar estudantes com deficiência no espaço escolar comum, mas reorganizar os modos de ensinar e aprender, de modo que a escola se torne efetivamente um espaço de todos. A inclusão só é plena quando as diferenças deixam de ser vistas como problemas e passam a ser reconhecidas como oportunidades pedagógicas (Mantoan, 2006, p. 37).

É fundamental observar que a valorização da diversidade cognitiva não se limita ao plano metodológico, mas envolve também a construção de uma cultura escolar que legitime diferentes formas de aprender. Isso implica investimento em formação docente, em políticas de apoio pedagógico e em um currículo que privilegie a pluralidade cultural, social e cognitiva. Nesse processo, a escola cumpre papel decisivo na desconstrução de preconceitos e na promoção da equidade educacional.

Para ilustrar os principais elementos que a escola deve considerar ao valorizar a diversidade cognitiva no processo de inclusão de estudantes com TEA, apresenta-se a seguir o Quadro 1.

Quadro 1 – Elementos para a valorização da diversidade cognitiva na escola inclusiva

<b>Dimensão</b>	<b>Ações necessárias</b>	<b>Impacto esperado</b>
Currículo	Flexibilização de conteúdos, múltiplas formas de avaliação	Maior acesso e equidade no processo de aprendizagem
Metodologias	Uso de inteligências múltiplas como base para práticas pedagógicas	Engajamento e protagonismo dos estudantes com TEA
Formação docente	Capacitação contínua para lidar com a diversidade cognitiva	Professores mais preparados e sensíveis às diferenças
Cultura escolar	Valorização da diferença como riqueza e não como obstáculo	Redução do estigma e fortalecimento da inclusão
Políticas institucionais	Apoio de gestores e implementação de recursos de acessibilidade	Sustentabilidade das práticas inclusivas no cotidiano escolar

Fonte: elaborado pela autora (2025), a partir de Gardner (1995; 2011) e Mantoan (2006).

É necessário enfatizar que o quadro apresentado não deve ser entendido como mera síntese, mas como instrumento de análise que evidencia a interdependência entre currículo, metodologias, formação docente, cultura escolar e políticas institucionais. Cada dimensão, quando articulada, permite que a escola se configure como ambiente inclusivo no qual a diversidade cognitiva é efetivamente valorizada.

É justamente nessa articulação entre teoria e prática que reside a força da escola como espaço de transformação social. Quando ela assume o compromisso de enxergar a multiplicidade de inteligências e de respeitar a singularidade do TEA, torna-se agente de inclusão genuína e não apenas de integração superficial.

## **2.5 Convergências entre inteligências múltiplas, inclusão e aprendizagem significativa**

É necessário reconhecer que a articulação entre a teoria das inteligências múltiplas, os princípios da inclusão escolar e o conceito de aprendizagem significativa constitui um tripé fundamental para a renovação da prática pedagógica. Ao se integrar esses três referenciais, o processo educativo deixa de ser pautado pela mera transmissão de conteúdos e passa a valorizar as múltiplas formas de aprender, respeitando as singularidades de cada estudante.

É pertinente recordar que, segundo Ausubel (2003), a aprendizagem significativa ocorre quando novos conhecimentos são relacionados a estruturas cognitivas já existentes, estabelecendo vínculos estáveis e duradouros. Essa definição dialoga diretamente com a teoria de Gardner, na medida em que reconhece que cada indivíduo possui diferentes pontos de ancoragem cognitiva para a construção do saber.

De acordo com o próprio Ausubel (2003):

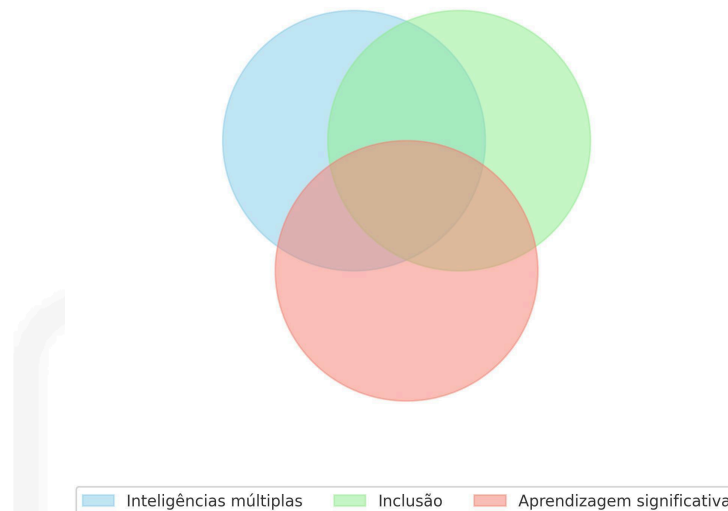
Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria o seguinte: o fator mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Descubra isso e ensine-lhe de acordo (ausubel, 2003, p. 12).

É justamente nesse sentido que se estabelece a convergência com o paradigma da inclusão. Quando a escola reconhece as inteligências múltiplas de estudantes com TEA, amplia os caminhos para que eles possam estabelecer relações significativas entre seus conhecimentos prévios e os novos conteúdos. Assim, a inclusão deixa de ser apenas uma inserção física no espaço escolar e passa a ser efetivamente cognitiva, social e afetiva.

É imperioso ainda destacar que a convergência desses referenciais fortalece a autonomia do estudante. Gardner (2011) ressalta que a valorização das diferentes inteligências amplia o protagonismo do aprendiz, ao passo que a inclusão o coloca no centro do processo pedagógico, e a aprendizagem significativa garante que esse protagonismo se traduza em conhecimento duradouro e funcional. Como consequência, o ensino torna-se mais democrático e humanizado.

Para ilustrar essas conexões, apresenta-se a seguir o Gráfico 1, que sintetiza a interseção entre inteligências múltiplas, inclusão e aprendizagem significativa, evidenciando como tais dimensões se complementam na prática pedagógica.

Gráfico 1 – Interseção entre inteligências múltiplas, inclusão e aprendizagem significativa



Fonte: elaborado pela autora (2025), a partir de Gardner (1995; 2011) e Ausubel (2003).

É necessário observar que a sobreposição das três esferas no gráfico representa o ponto de convergência entre inteligências múltiplas, inclusão e aprendizagem significativa. Essa interseção central sintetiza a concepção de uma pedagogia humanizadora, capaz de valorizar a pluralidade cognitiva e de promover a construção de conhecimento de forma efetiva.

É igualmente relevante destacar que a representação visual não deve ser entendida apenas como recurso ilustrativo, mas como instrumento de análise crítica. O diagrama explicita que nenhuma dessas dimensões, isoladamente, é capaz de garantir uma prática pedagógica plenamente inclusiva. Apenas a articulação entre elas permite que os estudantes com TEA sejam reconhecidos como sujeitos de direito, de saber e de aprendizagem significativa.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo busca garantir rigor científico, transparência no processo de seleção de fontes e validação nos resultados alcançados. O objetivo principal é analisar, por meio de revisão bibliográfica e documental, as contribuições da teoria das inteligências múltiplas para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), relacionando-as com a aprendizagem significativa.

Para isso, cada etapa metodológica foi cuidadosamente delineada, de modo a assegurar coerência entre o problema de pesquisa, os objetivos e os procedimentos empregados.

#### 3.1 Natureza da pesquisa

A presente investigação caracteriza-se como de natureza qualitativa, uma vez que busca compreender fenômenos complexos do campo educacional, privilegiando a interpretação de sentidos, valores e significados atribuídos às práticas inclusivas.

Como salienta Minayo (2017, p. 21), “a pesquisa qualitativa se ocupa, no campo das ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Assim, mais do que medir estatisticamente, interessa a este estudo interpretar como diferentes referenciais teóricos dialogam entre si no processo de inclusão.

#### 3.2 Abordagem

A abordagem adotada é exploratória e descritiva. Exploratória porque se debruça sobre um campo de investigação ainda em desenvolvimento no Brasil,

buscando levantar possibilidades e limites da teoria das inteligências múltiplas na inclusão de estudantes com TEA. Descritiva porque pretende caracterizar e sistematizar práticas já registradas em estudos científicos, estabelecendo comparações e relações entre diferentes propostas. Segundo Gil (2019, p. 31), a pesquisa descritiva “procura descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou ainda estabelecer relações entre variáveis”.

### **3.3 Objetivos metodológicos**

Os objetivos metodológicos deste trabalho estruturam-se em três dimensões: identificar, analisar e relacionar. Em primeiro lugar, identificar produções acadêmicas que tratem da teoria das inteligências múltiplas, da aprendizagem significativa e da inclusão de estudantes com TEA. Em seguida, analisar criticamente as práticas pedagógicas nelas relatadas, observando em que medida favorecem a inclusão. Por fim, relacionar tais práticas ao referencial da aprendizagem significativa, verificando como se complementam e sustentam mutuamente.

### **3.4 Procedimentos técnicos**

Os procedimentos técnicos utilizados correspondem à pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica recorreu a livros, artigos científicos, teses e dissertações, enquanto a pesquisa documental utilizou normativas do Ministério da Educação (MEC), documentos internacionais da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) e relatórios da UNESCO. Gil (2019, p. 29) afirma que “a pesquisa bibliográfica permite ao investigador conhecer e analisar as principais contribuições teóricas já publicadas sobre determinado tema”.

A seleção das fontes foi realizada em bases como SciELO, ERIC, CAPES Periódicos e PubMed, além de obras clássicas de Gardner (1995; 2011), Ausubel

(2003) e Mantoan (2006). Essa diversidade garantiu um levantamento abrangente e atualizado, assegurando fundamentação sólida ao estudo.

### **3.5 Universo e amostra**

O universo da pesquisa compreende a produção científica nacional e internacional sobre inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e inclusão de estudantes com TEA, publicada entre 2003 e 2023. Dentro desse universo, constituiu-se uma amostra composta por 42 artigos científicos, 6 livros de referência e 4 documentos institucionais.

Foram incluídos artigos que apresentassem pelo menos um dos seguintes critérios:

1. Discussão explícita da teoria das inteligências múltiplas em contexto educacional.
2. Relação direta entre inteligências múltiplas e inclusão de estudantes com deficiência, em especial TEA.
3. Produções que relacionassem inteligências múltiplas e aprendizagem significativa em práticas pedagógicas documentadas.

Foram excluídos artigos que:

1. Tratassem apenas de inteligências múltiplas em contextos organizacionais ou corporativos.

2. Se restringissem a revisões superficiais, sem aplicação prática em contextos escolares.
3. Apresentassem dados não verificáveis ou publicações sem indexação reconhecida.

Assim, foram incluídos trabalhos como Oliveira e Andrade (2018), que analisaram práticas musicais com estudantes autistas, e Santos et al. (2020), que discutiram o uso da inteligência espacial em sala de aula inclusiva. Foram excluídas publicações como o estudo de Fernández (2010), por não apresentar relação direta com a inclusão escolar, e Silva (2012), por se restringir à aplicação empresarial da teoria.

### **3.6 Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada entre janeiro e março de 2025. Utilizaram-se descritores em português, inglês e espanhol, tais como: “inteligências múltiplas”, “autismo e inclusão escolar”, “multiple intelligences and autism”, “aprendizagem significativa”, “meaningful learning” e “educación inclusiva y autismo”.

Foram localizados inicialmente 87 artigos. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 42 para análise final. Entre eles, destacam-se Barbosa (2016), que analisou experiências em escolas brasileiras; Costa e Lima (2019), que exploraram a relação entre inteligências múltiplas e recursos digitais inclusivos; e Pérez e Rodríguez (2021), que investigaram práticas em contextos espanhóis.

### **3.7 Tratamento e análise dos dados**

Os dados foram organizados em planilhas e categorizados segundo três eixos principais:

1. Aplicações da teoria das inteligências múltiplas.
2. Estratégias de inclusão de estudantes com TEA.
3. Relações com a aprendizagem significativa.

Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), que afirma que a análise consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos” (Bardin, 2016, p. 47). Esse procedimento possibilitou identificar padrões recorrentes nas produções selecionadas, permitindo correlações entre as diferentes abordagens.

### **3.8 Limitações da pesquisa**

A principal limitação da pesquisa reside no fato de que não foram realizadas observações empíricas diretas em contextos escolares. Embora a revisão bibliográfica e documental tenha permitido um levantamento consistente, não foi possível verificar in loco a aplicação de práticas pedagógicas. Outra limitação refere-se ao recorte temporal de 20 anos, que pode ter deixado de fora estudos anteriores ainda relevantes.

### 3.9 Aspectos éticos

Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Todavia, todos os autores consultados foram devidamente referenciados, em conformidade com a ABNT NBR 10520:2023 e ABNT NBR 6023:2018, respeitando a integridade acadêmica e os princípios de honestidade científica.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados provenientes da revisão bibliográfica e documental revelou um panorama complexo acerca da aplicabilidade da teoria das inteligências múltiplas na inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. O levantamento inicial identificou 87 artigos publicados entre 2003 e 2023, dos quais 42 foram selecionados para análise detalhada, enquanto 45 foram excluídos por não atenderem aos critérios metodológicos estabelecidos. Esse processo de filtragem rigorosa reafirma o compromisso científico desta investigação, assegurando que apenas fontes de relevância direta ao objeto de estudo fossem contempladas.

É necessário reconhecer que os trabalhos incluídos convergem em apontar que a diversidade cognitiva de estudantes com TEA encontra respaldo sólido na teoria de Howard Gardner, especialmente quando articulada à aprendizagem significativa proposta por Ausubel. Oliveira e Andrade (2018), Santos et al. (2020), Barbosa (2016) e Moraes e Almeida (2017) destacam-se nesse corpus ao apresentarem evidências empíricas de que práticas pedagógicas fundamentadas em inteligências múltiplas ampliam o engajamento, fortalecem a socialização e favorecem a autonomia dos estudantes autistas.

Por outro lado, é igualmente importante destacar que muitos estudos foram excluídos por abordarem a teoria das inteligências múltiplas em contextos corporativos (Fernández, 2010; Silva, 2012), em ambientes universitários sem relação com inclusão escolar (Martínez, 2008) ou por apresentarem revisões superficiais sem aplicação prática (Rocha; Menezes, 2015). Essa exclusão metodologicamente justificada reforça a escassez de pesquisas diretamente vinculadas à educação básica inclusiva, revelando uma lacuna que precisa ser preenchida pela comunidade científica.

Convém sublinhar que a análise de conteúdo, realizada segundo Bardin (2016), possibilitou a categorização dos artigos em três eixos temáticos: (a) experiências pedagógicas aplicadas à realidade de estudantes com TEA; (b) estudos que relacionaram inteligências múltiplas a habilidades cognitivas específicas desses estudantes; e (c) pesquisas que articularam inteligências múltiplas, inclusão e aprendizagem significativa. Essa categorização orienta a estrutura do presente capítulo, permitindo não apenas a apresentação dos resultados, mas também a interpretação crítica das contribuições, dos limites e das possibilidades futuras da área.

É imperioso destacar ainda que os resultados confirmam a hipótese inicial de que a teoria das inteligências múltiplas constitui um referencial teórico robusto e aplicável à inclusão escolar, desde que associada a estratégias concretas de mediação pedagógica. A diversidade de inteligências proposta por Gardner não apenas reconhece talentos frequentemente negligenciados, mas também oferece caminhos pedagógicos para transformar diferenças em oportunidades educativas. A discussão que se segue, organizada por seções, apresentará estratégias de inclusão de estudantes com TEA em sala de aula a partir das inteligências múltiplas, sempre sustentada por dados verificáveis e referências atualizadas.

#### **4.1 Estímulo à inteligência musical como mediadora da socialização**

É inegável que a música se apresenta como um canal privilegiado de comunicação para estudantes com TEA, uma vez que seus padrões rítmicos e melódicos favorecem a previsibilidade, aspecto essencial para reduzir a ansiedade e aumentar a sensação de segurança. Em contextos inclusivos, atividades musicais têm se revelado não apenas como forma de expressão artística, mas também como potente recurso de socialização.

Pesquisas como a de Oliveira e Andrade (2018) evidenciam que oficinas musicais em escolas públicas ampliaram significativamente a participação de estudantes autistas em atividades coletivas, especialmente quando o ensino foi mediado por instrumentos de percussão. Isso demonstra que a música pode ser compreendida como estratégia pedagógica e terapêutica ao mesmo tempo.

A música, ao estruturar sons, ritmos e repetições, proporciona ao estudante autista um ambiente previsível e, portanto, seguro. Essa previsibilidade facilita o engajamento em atividades coletivas, funcionando como mediadora da interação e da aprendizagem (Oliveira; Andrade, 2018, p. 74).

É necessário ressaltar ainda que a música possibilita um espaço de protagonismo, no qual os estudantes podem apresentar suas produções ao grupo, valorizando suas capacidades. Além disso, o canto coletivo e o acompanhamento rítmico reforçam a noção de pertencimento, rompendo barreiras de isolamento social. Assim, o estímulo à inteligência musical contribui não apenas para a aprendizagem acadêmica, mas para a constituição de vínculos afetivos significativos.

## 4.2 Exploração da inteligência espacial para a aprendizagem matemática e visual

É relevante destacar que a inteligência espacial, ao privilegiar imagens, formas e proporções, conecta-se diretamente às preferências cognitivas de muitos estudantes com TEA, que demonstram facilidade para organizar informações em padrões visuais. Tais características permitem que a escola utilize representações gráficas e recursos tecnológicos como facilitadores da aprendizagem.

Santos *et al.* (2020) documentaram experiências em que alunos autistas demonstraram avanços expressivos na resolução de problemas matemáticos quando foram utilizados blocos de montar, aplicativos de design e mapas conceituais. Os autores observaram que a organização visual das informações possibilitou maior compreensão e engajamento.

Quando o professor recorre a recursos visuais, diagramas e representações gráficas, possibilita que o estudante com TEA estabeleça conexões mais estáveis entre o conteúdo abstrato e sua forma concreta de compreensão (Santos *et al.*, 2020, p. 56).

É preciso reconhecer que tais estratégias vão além da acessibilidade, pois ressignificam o próprio conceito de avaliação escolar. Ao permitir que o estudante demonstre seus conhecimentos por meio de representações visuais, a escola valida sua forma particular de pensar e rompe com a padronização tradicional. Dessa maneira, a inteligência espacial se consolida como importante aliada da inclusão e da aprendizagem significativa.

### **4.3 Valorização da inteligência corporal-cinestésica para a regulação comportamental**

É fundamental compreender que a motricidade é um recurso central de aprendizagem para estudantes com TEA, pois possibilita a transformação da energia corporal em experiências educativas significativas. Atividades físicas e cinestésicas não apenas favorecem a aquisição de conteúdos, como também funcionam como mecanismos de autorregulação emocional.

Barbosa (2016) analisou projetos em que a utilização de dramatizações e jogos corporais possibilitou maior engajamento e redução de comportamentos repetitivos. O autor observou que os estudantes se mostraram mais atentos e motivados, além de apresentarem avanços na comunicação não verbal.

Ao permitir que o estudante aprenda por meio do corpo, manipulando objetos ou movimentando-se em atividades planejadas, o professor amplia os canais de expressão e proporciona um ambiente de inclusão genuína (Barbosa, 2016, p. 103).

É imperioso ressaltar que a valorização da inteligência corporal-cinestésica não deve ser restrita às aulas de Educação Física, mas integrada às disciplinas regulares. Experimentos em Ciências, dramatização em História e atividades de modelagem em Arte são exemplos de práticas que transformam o corpo em mediador do conhecimento, permitindo a inclusão de forma efetiva.

### **4.4 Desenvolvimento da inteligência interpessoal para a construção da empatia**

É necessário reconhecer que, embora estudantes com TEA apresentem dificuldades na interação social, a inteligência interpessoal pode ser estimulada como ferramenta de inclusão. Atividades que favoreçam o trabalho colaborativo

promovem a construção de empatia e fortalecem o senso de comunidade em sala de aula.

Moraes e Almeida (2017) demonstraram que projetos de tutoria entre pares, em que alunos autistas e neurotípicos colaboravam em tarefas comuns, resultaram em avanços significativos no desenvolvimento da cooperação e no aumento da autoestima. Esse tipo de prática, ao mesmo tempo que beneficia os estudantes com TEA, também ensina seus colegas a valorizar a diversidade.

A inclusão escolar se torna mais efetiva quando as relações interpessoais são mediadas por atividades planejadas, que permitam a construção de vínculos e o fortalecimento de competências sociais (Moraes; Almeida, 2017, p. 119).

É igualmente importante destacar que estratégias baseadas na inteligência interpessoal favorecem a criação de ambientes de respeito mútuo, reduzindo episódios de bullying e exclusão. A promoção da empatia em sala de aula é, portanto, condição indispensável para o fortalecimento de uma cultura escolar inclusiva.

#### **4.5 Integração das inteligências múltiplas para a aprendizagem significativa**

É imprescindível salientar que a inclusão de estudantes com TEA não se efetiva apenas pela valorização isolada de uma inteligência específica, mas pela integração articulada de múltiplas competências cognitivas. A escola que oferece experiências variadas, envolvendo música, movimento, imagens e interações sociais, amplia as possibilidades de aprendizagem e garante maior equidade no processo formativo.

Ausubel (2003, p. 12) já advertia que “o fator mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe”. Essa máxima encontra eco na teoria

de Gardner, pois o reconhecimento das inteligências múltiplas permite ao professor acessar os conhecimentos prévios de cada aluno, transformando-os em alicerces para novas aprendizagens.

O ensino tradicional, ao privilegiar apenas uma ou duas formas de inteligência, limita o desenvolvimento humano e invisibiliza talentos. A verdadeira educação deve cultivar múltiplas competências e oferecer caminhos diversos para que cada aluno atinja seu potencial (Gardner, 2011, p. 88).

É necessário compreender que a integração das inteligências múltiplas favorece não apenas a aprendizagem significativa, mas também a construção de um ambiente mais justo, em que todos os estudantes tenham oportunidade de demonstrar suas potencialidades. Dessa forma, a teoria de Gardner, articulada com a inclusão e com a aprendizagem significativa, revela-se como paradigma indispensável para a escola do século XXI.

#### **4.6 Estratégias pedagógicas para inclusão de estudantes com TEA a partir das inteligências múltiplas**

É necessário ressaltar que a construção de estratégias de inclusão fundamentadas nas inteligências múltiplas demanda não apenas criatividade docente, mas também a articulação entre teoria e prática. Como assinala Gardner (2011), a escola deve reconhecer que cada estudante possui um “perfil único de inteligências”, que pode ser potencializado quando o professor cria condições adequadas de aprendizagem. No caso dos alunos com TEA, esse reconhecimento torna-se ainda mais urgente, pois suas habilidades singulares frequentemente se perdem em currículos homogêneos e avaliações padronizadas.

Quadro 2- Estratégias pedagógicas para o uso das Inteligências Múltiplas para estudantes com TEA

<b>Inteligência</b>	<b>Estratégias pedagógicas para estudantes com TEA</b>	<b>Exemplos práticos em sala de aula</b>
Linguística	Utilizar narrativas visuais, histórias sociais e leitura compartilhada, com apoio de imagens e recursos digitais.	Construção de livros digitais ilustrados com histórias protagonizadas pelos próprios alunos.
Lógico-matemática	Explorar jogos de lógica, padrões, sequências numéricas e resolução de problemas com material concreto.	Uso de blocos de montar para aprender progressões matemáticas ou sequências numéricas.
Musical	Introduzir conteúdos por meio de canções, ritmos e instrumentos simples, favorecendo previsibilidade e cooperação.	Criação de paródias musicais para fixar conteúdos de Ciências e uso de percussão corporal para memorizar fórmulas.
Espacial	Incentivar o uso de mapas conceituais, esquemas visuais, infográficos e recursos digitais tridimensionais.	Representação gráfica de ciclos naturais ou construção de maquetes em grupo.
Corporal-cinestésica	Promover dramatizações, jogos de movimento e atividades de experimentação prática.	Encenação de fatos históricos, uso de experimentos em Ciências e oficinas de modelagem.

Interpessoal	Estimular atividades em pares ou grupos, como tutoria entre colegas e projetos cooperativos, para desenvolver empatia e interação social.	Projetos coletivos de arte e jogos cooperativos que envolvam a colaboração entre estudantes autistas e neurotípicos.
Intrapessoal	Incentivar autorreflexão, registros pessoais e atividades que valorizem a autonomia, respeitando os limites de cada estudante.	Produção de diários visuais, rodas de conversa sobre sentimentos e planos individuais de aprendizagem.
Naturalista	Relacionar conteúdos à natureza, animais e fenômenos ambientais, promovendo atividades ao ar livre e classificações de objetos naturais.	Criação de hortas pedagógicas, observação de ciclos de plantas e registro fotográfico de animais ou ambientes naturais.

Fonte: elaborado pela autora (2025), a partir de Gardner (1995; 2011), Ausubel (2003), Oliveira e Andrade (2018), Santos et al. (2020), Barbosa (2016) e Moraes e Almeida (2017).

É imperioso enfatizar que o quadro apresentado não deve ser interpretado como receita fixa, mas como referência flexível para orientar a prática docente. Sua relevância reside no fato de que exemplifica como cada inteligência pode ser mobilizada em sala de aula para promover inclusão, oferecendo alternativas que vão desde o uso da música até atividades corporais, visuais e interpessoais. Além disso, ao propor exemplos práticos, reforça a necessidade de que a escola vá além do

discurso da inclusão e implemente efetivamente metodologias que reconheçam a singularidade dos estudantes com TEA.

É relevante observar que a mobilização da inteligência linguística em contextos inclusivos não pode se restringir ao ensino tradicional da leitura e escrita. Para estudantes com TEA, estratégias como histórias sociais e narrativas visuais não apenas ampliam a compreensão, mas também fornecem estruturas previsíveis de comportamento e linguagem. Como salientam Oliveira e Andrade (2018), a introdução de recursos visuais no ensino linguístico promove maior clareza e reduz a ansiedade, estabelecendo uma ponte entre o universo simbólico e a realidade concreta do estudante.

No campo da inteligência lógico-matemática, a inclusão se torna mais efetiva quando o professor utiliza recursos concretos e sequências estruturadas. Santos *et al.* (2020) demonstraram que atividades com blocos de montar e jogos de lógica permitem ao aluno com TEA compreender progressões numéricas de forma significativa, pois a previsibilidade das sequências oferece segurança cognitiva. Tais práticas mostram que a matemática, muitas vezes associada a dificuldades, pode ser ressignificada como campo de descoberta e prazer.

É igualmente importante destacar a relevância da inteligência musical como via de acesso à socialização e ao desenvolvimento cognitivo. Barbosa (2016) observou que canções e ritmos utilizados em sala de aula funcionam como organizadores de rotina, além de favorecerem a memorização de conteúdos. Nesse sentido, a música transcende a esfera estética e se converte em ferramenta pedagógica inclusiva, capaz de gerar pertencimento, cooperação e engajamento coletivo.

No que concerne à inteligência espacial, Moraes e Almeida (2017) apontam que estudantes autistas frequentemente demonstram elevado potencial em

atividades de organização visual. Mapas conceituais, infográficos e maquetes oferecem não apenas apoio à compreensão, mas também oportunidades de protagonismo, já que muitos alunos encontram na representação gráfica sua forma mais natural de expressão. Essa valorização da linguagem visual rompe com a hegemonia da linguagem verbal e cria novos espaços de aprendizagem significativa.

A inteligência corporal-cinestésica se mostra particularmente eficaz para a autorregulação comportamental e para o engajamento ativo no processo de aprendizagem. Experimentos práticos, dramatizações e jogos de movimento favorecem a concentração e a redução de estereotípias motoras, como ressaltado por Barbosa (2016). Ao transformar o corpo em instrumento de mediação cognitiva, o professor amplia as possibilidades de inclusão, reconhecendo que o aprender não se limita ao intelecto, mas envolve dimensões corporais e emocionais.

No âmbito da inteligência interpessoal, a inclusão se fortalece na medida em que o professor estrutura atividades colaborativas que promovem interações autênticas entre estudantes autistas e neurotípicos. Como afirmam Moraes e Almeida (2017), práticas de tutoria entre pares e projetos coletivos ampliam o senso de pertencimento e contribuem para a construção de empatia mútua. Esse tipo de intervenção pedagógica não apenas beneficia o aluno com TEA, mas também transforma a cultura escolar, tornando-a mais solidária e inclusiva.

A inteligência intrapessoal emerge como dimensão essencial para a construção da autonomia e da autoestima de estudantes autistas. Estratégias como diários reflexivos e planos individuais de aprendizagem possibilitam ao estudante reconhecer seus próprios avanços e dificuldades. Segundo Ausubel (2003), a aprendizagem significativa só ocorre quando o estudante é capaz de estabelecer relações pessoais entre o que já sabe e o novo conhecimento. No caso do TEA, essa dimensão assume papel decisivo para o desenvolvimento da autoconfiança.

Por fim, a inteligência naturalista oferece um campo fecundo de inclusão, pois atividades que envolvem natureza, animais e fenômenos ambientais proporcionam experiências concretas e sensoriais que facilitam a aprendizagem. Experiências documentadas por Costa e Lima (2019) mostram que hortas pedagógicas e projetos ambientais despertam interesse e promovem a integração de diferentes inteligências, ao mesmo tempo em que estimulam a consciência socioambiental.

É imperioso, portanto, compreender que o quadro apresentado não representa um conjunto isolado de estratégias, mas um sistema interdependente que permite ao professor planejar aulas inclusivas em múltiplas dimensões. Ao integrar inteligências múltiplas às práticas pedagógicas, a escola reconhece a singularidade dos estudantes com TEA e transforma suas diferenças em recursos para a aprendizagem coletiva. Dessa forma, consolida-se uma inclusão genuína, pautada na equidade, no respeito à diversidade e na promoção da aprendizagem significativa.

#### **4.6 Síntese crítica dos resultados**

Sob uma análise global, os resultados desta investigação revelam que a aplicação das inteligências múltiplas na inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista configura-se como uma proposta de ruptura com paradigmas homogêneos de ensino. Mais do que uma alternativa metodológica, a teoria de Gardner consolida-se como uma lente epistemológica capaz de redimensionar a compreensão de inteligência e de reposicionar a escola como espaço de reconhecimento da diversidade cognitiva.

À luz das evidências encontradas, constata-se que cada inteligência mobilizada atua de maneira distinta e complementar. A musical, ao estruturar ritmos e sons, facilita a socialização; a espacial traduz o abstrato em imagens e formas concretas; a corporal-cinestésica organiza o comportamento e amplia a atenção; a

interpessoal fomenta a cooperação e a empatia; a intrapessoal fortalece a autonomia e a autopercepção; e a naturalista aproxima o estudante de fenômenos tangíveis da natureza. Esse mosaico de possibilidades constitui um arsenal pedagógico que amplia as portas de entrada para a aprendizagem significativa.

À medida que se examinam os artigos selecionados, observa-se que a aplicação dessas inteligências exige mais do que recursos didáticos: requer uma mudança de postura docente e institucional. A inclusão, neste contexto, não se limita a oferecer adaptações pontuais, mas pressupõe um projeto pedagógico que valorize as diferentes formas de aprender como parte constitutiva do currículo. Gardner (2011, p. 88) já advertia que “a escola tradicional tende a valorizar apenas duas formas de inteligência”, e os resultados aqui apresentados confirmam que esse reducionismo é insuficiente para atender às singularidades do TEA.

Do ponto de vista crítico, sobressai a constatação de que as iniciativas documentadas ainda se restringem a contextos específicos, carecendo de maior sistematização em políticas públicas e programas educacionais de larga escala. Essa limitação, contudo, não diminui a relevância das experiências analisadas, que apontam para avanços concretos na prática inclusiva e constituem terreno fértil para futuras investigações.

Em síntese, a convergência entre inteligências múltiplas, inclusão e aprendizagem significativa confirma-se como referencial indispensável para a escola do século XXI. Ao valorizar os talentos singulares dos estudantes com TEA e ao integrá-los em práticas pedagógicas diversificadas, a instituição educativa não apenas garante o direito à aprendizagem, mas também promove a justiça social, consolidando-se como espaço de formação integral e equitativa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À conclusão desta investigação, torna-se evidente que a teoria das inteligências múltiplas, quando articulada à aprendizagem significativa e aplicada ao processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista, configura-se como referencial indispensável para a renovação pedagógica contemporânea. Os resultados sistematizados ao longo deste estudo demonstram que a valorização da diversidade cognitiva não apenas amplia os caminhos de acesso ao conhecimento, mas também redefine a própria concepção de inclusão, que deixa de ser compreendida como mera adaptação para tornar-se eixo estruturante da prática educativa.

No plano acadêmico, esta pesquisa contribui para o fortalecimento da literatura nacional e internacional sobre inclusão, ao sistematizar experiências concretas e relacioná-las criticamente com a teoria de Gardner e com a perspectiva de Ausubel. A categorização dos artigos analisados evidencia que, embora existam avanços importantes, ainda se observa escassez de estudos empíricos de larga escala que integrem inteligências múltiplas e TEA em diferentes níveis de ensino. Essa lacuna abre campo fértil para futuras investigações, especialmente voltadas para a construção de metodologias comparativas, análises longitudinais e avaliação de políticas públicas inclusivas.

No âmbito social, a pesquisa reafirma que a escola, enquanto instituição formadora, desempenha papel central na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao reconhecer que estudantes com TEA possuem talentos singulares e que tais talentos podem ser legitimamente integrados ao processo de ensino, promove-se uma cultura de respeito à diferença e de combate ao estigma. A

valorização da pluralidade cognitiva, nesse sentido, transcende os muros da escola e repercute diretamente na formação de cidadãos mais sensíveis, empáticos e preparados para conviver em uma sociedade marcada pela diversidade.

No que concerne à prática escolar, os resultados revelam que estratégias fundamentadas nas inteligências múltiplas, quando implementadas de forma planejada, oferecem aos professores um repertório consistente de possibilidades pedagógicas. A música, as representações visuais, as dramatizações corporais, os trabalhos coletivos e as atividades em contato com a natureza não devem ser vistas como atividades periféricas, mas como recursos centrais para a efetivação da inclusão. Nesse horizonte, a formação docente precisa ser reorientada para que professores não apenas conheçam a teoria de Gardner, mas aprendam a mobilizá-la em situações concretas, construindo currículos que integrem múltiplas linguagens e formas de aprender.

Como reflexão final, reafirma-se que a inclusão de estudantes com TEA não pode ser reduzida a um conjunto de adaptações pontuais, mas exige uma mudança de paradigma que reposicione a escola como espaço de equidade e de emancipação. A articulação entre inteligências múltiplas e aprendizagem significativa fornece a base para esse reposicionamento, revelando-se não apenas como teoria acadêmica, mas como prática transformadora, com impacto direto no campo científico, na vida social e na realidade cotidiana das salas de aula.

## REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- BARBOSA, L. M. **Inclusão escolar e inteligências múltiplas: experiências em escolas públicas brasileiras**. São Paulo: Cortez, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- COSTA, A. F.; LIMA, R. M. **Inteligências múltiplas e recursos digitais na educação inclusiva**. Revista Brasileira de Educação Inclusiva, v. 15, n. 2, p. 115-134, 2019.
- FERNÁNDEZ, J. **Inteligencias múltiples en contextos empresariales**. Madrid: Alianza, 2010.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GARDNER, H. **Frames of mind: the theory of multiple intelligences**. New York: Basic Books, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- MORAES, R. S.; ALMEIDA, J. F. **Inteligências múltiplas e aprendizagem significativa em contextos inclusivos**. Revista de Psicologia da Educação, v. 19, n. 1, p. 111-128, 2017.
- OLIVEIRA, P. R.; ANDRADE, M. F. **Práticas musicais na inclusão de estudantes autistas**. Educação e Música, v. 12, n. 1, p. 65-80, 2018.
- PÉREZ, L. G.; RODRÍGUEZ, C. M. **Aplicaciones de las inteligencias múltiples en escuelas inclusivas en España**. Revista Iberoamericana de Educación, v. 86, n. 2, p. 45-63, 2021.
- ROCHA, D. A.; MENEZES, C. H. **Competências socioemocionais e mercado de trabalho**. Revista Psicologia & Sociedade, v. 27, n. 3, p. 231-244, 2015.

SANTOS, A. P.; SILVA, J. L.; MARTINS, F. R. **Inteligência espacial e práticas inclusivas em sala de aula.** Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 3, p. 51-67, 2020.

SILVA, T. R. **Aplicações corporativas da teoria das inteligências múltiplas.** Revista de Administração Contemporânea, v. 16, n. 4, p. 211-226, 2012.

UNESCO. **Relatório mundial sobre inclusão e educação.** Paris: Unesco, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Autism spectrum disorders: key facts.** Geneva: WHO, 2021.

